

**CLAUDETE MARILEI HOFFMANN LAMOUR**

**O FANDANGO PARANAENSE NO CONTEXTO ESCOLAR**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso Pós-Graduação *Lato Sensu*, Especialização em Educação Física Escolar, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dnd<sup>a</sup> Marisete T. H. Horochovski.

**CURITIBA  
2005**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**CLAUDETE MARILEI HOFFMANN LAMOUR**

### **O FANDANGO PARANAENSE NO CONTEXTO ESCOLAR**

**Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Física Escolar, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.**

**Banca examinadora:**

**Conceito: \_\_\_\_\_**

  
\_\_\_\_\_  
**Profª Dondª Marisete T. H. Horochoviski - Orientadora**

\_\_\_\_\_  
**Prof. Ms Sérgio R. Chaves Júnior**

\_\_\_\_\_  
**Prof. Ms Ricardo M. Martins**

\_\_\_\_\_  
**Prof. Ms. Andrés K. Vörös**

**Curitiba, abril de 2005**

*Eu sou o Fandango. Venho da mistura das raças e das desgraças, da música e da dança dos índios, dos negros, portugueses e espanhóis. Eu tenho todas as marcas... (Trecho da peça: O Fandango, do grupo Pirão do Mesmo).*

**Aos fandagueiros do litoral do Paraná, em  
especial a Família Pereira, dedico.**

## **AGRADECIMENTOS**

À todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para que esse trabalho se realizasse:

Aos(as) alunos(as) da Escola Municipal Prof<sup>a</sup> Augusta Glück Ribas, que fizeram parte desse estudo.

À Família Pereira, pela participação e contribuição no trabalho de divulgação do Fandango na Escola “Augusta” e ao Oswaldo Rios, integrante do Grupo Viola Quebrada, pelo contato com a Família.

À Professora Dnd<sup>a</sup> Marisete T. H. Horochovski, pela orientação, apoio e incentivo e por fazer parte de muitos e inesquecíveis momentos de minha vida.

À Professora Dr<sup>a</sup> Carmem L. F. Diez, pela coordenação do curso e carinho com todos(as) e à Prof<sup>a</sup> Ms. Maria do Socorro Ribeiro (FAP), pelo incentivo à pesquisa e pela dedicação ao Folclore.

À Professora e amiga Adalgisa Clérice, pela revisão de texto.

Ao Mauro, meu marido, pela compreensão da minha ausência nas horas que costumávamos passar juntos, pelo companheirismo e pelo amor.

Ao meu filho, Maurinho, que com sua alegria e carinho, me faz seguir em frente.

Enfim, à toda minha família, pais, irmãos e sobrinhos, que estão sempre presentes em minha vida, me apoiando e incentivando.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>vii</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
1.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	4
<b>2 A DANÇA NA ESCOLA.....</b>	<b>6</b>
2.1 A DANÇA FOLCLÓRICA NA ESCOLA.....	9
<b>3 O FANDANGO NO PARANÁ .....</b>	<b>11</b>
3.1 O FANDANGO NUM PASSADO NÃO TÃO DISTANTE .....	17
3.2 A TRADIÇÃO ORAL E A CONTINUIDADE DO FANDANGO .....	19
3.2.1 O Fandango na Família Pereira .....	22
<b>4 O CONTATO PESSOAL COM O FANDANGO.....</b>	<b>25</b>
4.1 O FANDANGO NA ESCOLA "AUGUSTA" .....	26
4.1.1 A Escola.....	26
4.1.2 Procedimentos Metodológicos.....	28
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>34</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>38</b>

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi avaliar projeto de divulgação do Fandango Paranaense, desenvolvido na Escola Municipal Prof<sup>a</sup> Augusta G. Ribas, localizada no bairro Sítio Cercado em Curitiba, no período de agosto a novembro de 2004. Dele, participaram 99 alunos(as) da Primeira Etapa do Ciclo II, uma prof<sup>a</sup> de Educação Física, uma prof<sup>a</sup> recreacionista e integrantes da Família Pereira, fandangueiros do litoral. O que impulsionou esta pesquisa foi a ausência da prática de danças folclóricas na escola; a escolha pelo Fandango ocorreu pelo fato do mesmo, além de ser um conjunto de danças regionais praticadas pelos caboclos e pescadores do litoral, portanto presente no Paraná, é uma manifestação cultural que por falta de herdeiros pode vir a desaparecer nas próximas gerações. Na monografia portanto, usou-se como metodologia a pesquisa-ação e estudo bibliográfico. Através desse, abordou-se os benefícios proporcionados pela dança na escola e também aspectos significativos que fazem parte do Fandango Paranaense. A transmissão oral está presente nessa manifestação cultural, no entanto, há poucas bibliografias sobre o assunto. Sendo assim, buscou-se fazer um registro detalhado do trabalho de divulgação do Fandango Paranaense desenvolvido, o que pode servir como referência e incentivo a outros profissionais que buscam por meio da escola divulgar e valorizar a cultura regional.

**Palavras-chave:** Fandango Paranaense, Divulgação, Escola.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste num estudo sobre o Fandango Paranaense, no qual avaliou-se um projeto de divulgação dessa manifestação cultural junto à comunidade escolar. De um modo geral, o Folclore brasileiro é muito diversificado e isso também ocorre com as danças e folguedos. Como exemplo dessa diversidade pode-se citar: Maracatu, Reisado ou Folia de Reis, Cavalhadas, Congadas, Bumba-meu-boi e Festa do Divino entre outras tantas. No Paraná existem diferentes manifestações culturais, entre as quais se destacam: o Fandango que acontece no litoral do Estado, principalmente em Guaraqueçaba e Paranaguá; as Cavalhadas, realizadas em Guarapuava e a Congada, realizada na Lapa.

O Fandango no Paraná, conforme AZEVEDO (1978), é uma festa própria dos caboclos e pescadores litorâneos, na qual são realizadas diferentes danças regionais, denominadas de *marcas*. A escolha pelo Fandango se deu por dois motivos: por ser uma manifestação cultural<sup>1</sup> presente no Estado e pelo fato de que a mesma, por falta de herdeiros, pode vir a desaparecer nas próximas gerações. Um dos motivos dessa descontinuidade é o pequeno interesse por parte dos jovens litorâneos em aprender e praticar as marcas que compõem o Fandango. Isso ocorre, em parte, porque atualmente os meios de comunicação e os equipamentos eletrônicos são para eles passatempos mais atraentes, ocupando o espaço que originalmente era voltado em aprender a tocar viola e “bater” Fandango.

---

<sup>1</sup> “Em antropologia, *cultura* significa tudo que o homem produz ao construir sua existência: as práticas, as teorias, as instituições, os valores materiais e espirituais. Se o contato que o homem tem com o mundo é interditado pelo símbolo, a cultura é o conjunto de símbolos elaborados por um povo em determinado tempo e lugar. Dada a infinita possibilidade de simbolizar, as culturas dos povos são múltiplas e variadas” (ARANHA; MARTINS, 2000, p.6). Neste sentido, o Fandango Paranaense representa a manifestação cultural de um povo, mais especificamente dos habitantes do litoral do Estado, cercada de significados, como será descrito mais adiante.

A possibilidade real do desaparecimento dessa manifestação cultural contribuiu para que seu estudo fosse levado para a escola, com o objetivo de divulgá-lo e principalmente de valorizá-lo. Assim, buscou-se levar para a sala de aula aspectos relevantes do Fandango Paranaense, com o intuito de torná-lo mais conhecido pela comunidade escolar. Os primeiros passos nesse sentido foram dados em 2003 na Escola Municipal Guilherme Lacerda Braga Sobrinho, na qual em parceria com duas professoras regentes de turma, desenvolveu-se um projeto sobre o Folclore de um modo geral, com ênfase no Fandango Paranaense<sup>2</sup>. Nesse trabalho, em visita a Ilha dos Valadares, foi possível conhecer alguns fandangueiros, como Pedro Pereira, Waldemar Cordeiro e Mestre Romão, além da Casa do Fandango, construída ao lado da casa de Mestre Eugênio, outro fandangueiro tradicional. Esta experiência foi bastante significativa e fez com que o interesse pessoal pelo Fandango ficasse ainda maior. Em 2004, na Escola Municipal Profª Augusta Glück Ribas, constatou-se igualmente o desconhecimento dos(as) alunos(as) pelo Fandango e o desejo de divulgá-lo tornou-se mais forte. Diante disso foi desenvolvido um projeto sobre o Fandango na escola<sup>3</sup>, cujos resultados são descritos nesse trabalho.

O fato de ser professora de Educação Física e a dança ser conteúdo dessa disciplina, contribuiu para a realização desse trabalho. A Educação Física, de acordo com o COLETIVO DE AUTORES (1992, p. 62), trata pedagogicamente na escola da cultura corporal e tem como tema: o jogo, o esporte, a ginástica e a dança, entre outros. Tais temas “expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade”. Nesse sentido, é possível fazer uma relação de interdependência desses temas da cultura corporal com os problemas sócio-políticos como por exemplo: preconceitos sociais, raciais e relações de trabalho, entre outros. Através da dança folclórica e mais especificamente do estudo do Fandango litorâneo como manifestação cultural, foi possível levantar questões referentes às relações sociais e econômicas de seus

---

<sup>2</sup> Projeto Fazendo Escola: O Fandango Pede Passagem: Resgatar Para Não Perder (2003).

<sup>3</sup> Projeto Fazendo Escola: O Fandango na Escola: Valorizando a Cultura Paranaense (2004).

praticantes, discutindo o modo de vida desse povo e as modificações sofridas ao longo dos anos.

O objetivo deste estudo foi: avaliar os resultados do projeto de divulgação do Fandango Paranaense realizado na Escola Municipal Profª Augusta Glück Ribas, pela autora desta monografia e por uma colega de trabalho, bem como fazer um estudo bibliográfico sobre tal manifestação cultural, apontando aspectos importantes que compõem o Fandango no Paraná, assim como, práticas outrora comuns e hoje quase inexistentes.

A monografia está organizada em capítulos, nos quais são trazidos aspectos dessa manifestação cultural e os resultados da pesquisa na escola.

O capítulo intitulado *A Dança na Escola*, trata dos benefícios que podem ser alcançados através da dança no contexto escolar, abordados por diferentes autores. Apresenta também a dança folclórica como um importante meio de trabalhar as características regionais de um povo.

*O Fandango no Paraná*, por sua vez, apresenta suas características visando entender como ocorre essa manifestação cultural presente no litoral. Busca também verificar as transformações sofridas pelo Fandango no decorrer dos anos; sua transmissão oral e sua continuidade, com uma atenção especial à Família Pereira.

O capítulo *O Contato Pessoal com o Fandango*, refere-se, como o próprio nome diz, a experiência da autora com essa manifestação cultural, o que por sua vez despertou maior interesse pelo Fandango. O subtítulo, *O Fandango na Escola "Augusta"*, diz respeito a análise da pesquisa propriamente dita, realizada na Escola Municipal Profª Augusta Glück Ribas com a participação de três turmas da Primeira Etapa do Ciclo II, num total de 99 alunos(as) com idade entre oito e doze anos. Neste capítulo descreve-se como a pesquisa foi realizada e quais foram os resultados.

Por fim, as considerações finais abordam, ainda que brevemente, as tentativas de manter o Fandango vivo enquanto manifestação cultural e a divulgação deste na escola onde a pesquisa se realizou.

## 1.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A presente monografia é o resultado de uma pesquisa-ação combinada com um estudo bibliográfico. Nesse sentido, teve por objetivo analisar a eficácia de um projeto sobre o Fandango desenvolvido na Escola Municipal Prof<sup>a</sup> Augusta G. Ribas, através dos resultados alcançados na prática e de um aprofundamento teórico sobre a temática. Para tanto, utilizou-se como fonte primária os relatos orais da Família Pereira e dos(as) alunos(as) da escola acima citada e, como fonte secundária, dicionários, apostilas, livros e páginas da Web Sites.

Os dois primeiros capítulos elencados em linhas introdutórias, são resultados de pesquisa bibliográfica e neles, estudiosos do Folclore prestam preciosa contribuição, através de suas publicações, onde destaca-se: Fernando Azevedo (1978), Inami Custódio Pinto(2003), Maria de Lurdes Brito e José A. Gemba Rando ((2003). Também foi imprescindível na construção teórica, a colaboração de Lia Marchi, Juliana Saenger e Roberto Côrrea (2002), que publicaram em formato de livro um trabalho desenvolvido com os tocadores de música de raiz do litoral Sul do Brasil e Região Central.

O capítulo intitulado *O Contato Pessoal com o Fandango*, como já tido na introdução, relata inicialmente a experiência pessoal da autora com o Fandango Paranaense e em seguida descreve a pesquisa-ação desenvolvida na Escola Municipal Prof<sup>a</sup> Augusta G. Ribas. A pesquisa-ação busca a inserção num ambiente a ser investigado, onde há uma ação por parte dos pesquisadores e estes, portanto, intervêm conscientemente na pesquisa. THIOLENT (1986, p.14) define pesquisa-ação como sendo “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo”. Para SANTOS (1999, p.20) “a pesquisa-ação acontece quando qualquer dos processos é desenvolvido envolvendo pesquisadores e pesquisados no mesmo trabalho, já que a ambos interessaria a criação de respostas imediatas para uma certa necessidade”.

Com base nos conceitos acima, o projeto desenvolvido usou como metodologia a pesquisa-ação e procurou saber qual seria a receptividade e interesse pelo Fandango Paranaense, em um grupo de alunos da 1ª Etapa do Ciclo II, de uma Escola Pública localizada em um bairro periférico de Curitiba, com o intuito de divulgá-lo.

Destarte, a monografia em si, consiste num estudo de caso, na medida em que procurou avaliar e diagnosticar os resultados da pesquisa-ação, aprofundando discussões teóricas e objetivando analisar como trabalhos deste alcance podem contribuir para a divulgação de manifestações culturais que, a exemplo do Fandango, atuam na constituição da identidade de um determinado grupo social. O resultado desse esforço, ou melhor, da tentativa de unir teoria e prática, pode ser averiguado no decorrer deste trabalho.

## 2 A DANÇA NA ESCOLA

A origem da dança é remota e segundo VERDERI (1998) já fazia parte da vida do homem primitivo, quando era praticada em forma de ritual. Os motivos eram diversos, sendo que a caça, a colheita, sentimentos como alegria e tristeza, casamentos e homenagens aos deuses, figuravam entre eles. A dança e o homem evoluíram juntos, quer nos movimentos, emoções e formas de expressão, quer nos fatos sociais e culturais. Assim, a dança se revela através da história, como expressão das manifestações do modo de vida do homem no mundo e pode ser considerada como linguagem social que torna possível a transmissão de sentimentos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs:Arte, 2001), contemplam a dança como linguagem específica da arte e também como uma atividade inerente à natureza humana, fazendo parte do trabalho, religião e lazer. No âmbito escolar, a dança pode levar o educando a compreender melhor como seu corpo funciona e se movimenta e, conseqüentemente, expressar-se com mais autonomia e sensibilidade, individual e coletivamente, desenvolvendo assim valores universais, como colaboração, solidariedade e respeito mútuo. A dança, na escola, possibilita igualmente ao educando experimentar, usar a criatividade e construir sua imagem corporal. Para tanto, o professor deve levar em consideração, ao planejar suas aulas, diferentes aspectos, como: o desenvolvimento motor da criança, a estimulação para que o(a) aluno(a) possa reconhecer os ritmos do próprio corpo, bem como os ritmos externos, a exploração do espaço e a imaginação.

A dança está inserida nos conteúdos da Educação Física, que estão divididos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs:Educação Física, 2001), em três grandes blocos: Conhecimento sobre o corpo; Esportes, Jogos, Lutas e Ginástica; Atividades Rítmicas e Expressivas. É justamente neste último que se encontra a dança, em suas diferentes manifestações: danças eruditas (clássicas, modernas, contemporâneas e jazz), danças urbanas (rap, funk, break, pagode e danças de salão) e danças brasileiras (samba, valsa, quadrilha, afoxé, catira, etc).

Diferentes autores discorrem sobre os benefícios da dança no âmbito escolar, entre eles, VERDERI (1998), ao afirmar que a mesma tem uma função primordial e que por meio dela o educando pode reforçar aspectos importantes na vida do ser humano, como auto-estima e autoconfiança, entre outros. Afirma também que, enquanto atividade pedagógica, pode contribuir para melhorar o desenvolvimento cognitivo, motor e sócio-afetivo: “Se observarmos as crianças quando deixamos seus corpos livres para o som, para o espaço e para o tempo, são inacreditáveis os movimentos que podemos visualizar, é estimulante vivenciar esse momento, são corpos vivos, cheios de anseios, de energia e sobretudo de esperança” (VERDERI, 1998, p.50).

Para que os benefícios apontados anteriormente sejam alcançados é necessário que alguns aspectos sejam levados em consideração, tais como: realização de atividades gradativas que iniciem do simples para o complexo, do concreto para o abstrato; atividades de curta duração que devem ter seu tempo aumentado, bem como o ritmo que primeiramente deve ser lento para depois ser mais acelerado. Além disso, VERDERI diz que é importante possibilitar atividades que sejam executadas pelo educando de diferentes maneiras: individualmente, em duplas, em trios e em grupos maiores, proporcionando assim uma variedade de vivências e experiências corporais.

NANNI (1995) afirma que a dança possibilita uma educação integral do ser humano, pois contribui para a formação corporal, a socialização, a criatividade, além de desenvolver aspectos éticos e estéticos.

GIFFONI (1964) também discorre sobre o assunto ao tratar de aspectos educativos desenvolvidos através da dança, afirmando que a mesma contribui para o desenvolvimento geral do ser humano e possibilita a aquisição de alguns valores, que são: físico, social, cultural, moral e recreacional. Considera a dança um exercício completo e por essa razão, ao referir-se ao desenvolvimento físico, diz que é possível por meio de sua prática, melhorar as funções circulatória, respiratória e digestiva, além de melhorar o sistema muscular e nervoso, a agilidade e a flexibilidade. Os valores morais para GIFFONI (1964, p.16) englobam “o domínio de si mesmo, a iniciativa, o entusiasmo, a perseverança, o cavalheirismo, o senso de ordem”. Além disso, a dança traz contribuições como a solidariedade, a socialização, a iniciativa, a coragem e

outros aspectos como a atenção e a memória. Apresenta também valores culturais, ao compreender e respeitar diferentes culturas; recreacionais, ao referir-se ao divertimento e, terapêutico, ao proporcionar equilíbrio emocional e autocontrole.

De acordo com MARQUES (2003), a dança na escola cria possibilidades para se trabalhar com temas interessantes a respeito das relações que são estabelecidas socialmente, tais como: gênero, etnias, classes sociais e religião.

Embora diversos autores defendam a presença da dança na escola e apesar dela existir enquanto conteúdo nas disciplinas de Educação Física e do Ensino da Arte, este fato isolado não assegura sua efetivação na escola, pois depende do planejamento elaborado pelo(a) professor(a) e dos conteúdos contemplados por ele(a), no decorrer do ano letivo.

Para MARQUES, existem dois grandes problemas que dificultam a prática da dança na escola. O primeiro deles é que os(as) professores(as) de Educação Física, Ensino da Arte ou mesmo o(a) pedagogo(a) - que na maioria das vezes são os(as) responsáveis para que a dança se efetive na escola - não se sentem preparados para ensiná-la. O segundo problema, é a falta de bibliografia na Língua Portuguesa. Neste caso, os Parâmetros Curriculares Nacionais, podem ser uma alternativa para os professores que não conhecem as especificidades da dança como área de conhecimento.

Não há dúvidas de que a dança na escola pode ser um importante conteúdo a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física ou Ensino da Arte, porém deve-se tomar cuidado para não se reforçar modismos divulgados pelos meios de comunicação de massa, levando às crianças coreografias prontas apresentadas por grupos musicais, com letras que pouco ou nada querem dizer. Dessa forma se estaria contribuindo para consumismo de produtos divulgados através desses grupos ou músicas e para a reprodução de gestos repetitivos, muitas vezes “vulgares” e sem nenhuma reflexão.

## 2.1 A DANÇA FOLCLÓRICA NA ESCOLA

A dança folclórica no Brasil sofreu influência dos indígenas (nativos brasileiros), dos negros (escravos africanos) e dos europeus (colonizadores portugueses). Estes povos, segundo CASCUDO (1967), praticavam as danças como formas de agradecer ou pedir favores e também para comemorar vitórias na caça e na guerra. Inicialmente possuíam um caráter religioso e acompanhavam procissões.

NANNI (1995), discorre sobre a influência étnica nas danças folclóricas, dizendo que elas possuem aspectos regionais. Sendo assim, predominam aspectos indígenas na região Norte e europeus na região Sul. Já em Estados como a Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, os aspectos predominantes são os africanos. Comenta que originalmente, as danças expressavam as questões do cotidiano da comunidade, como por exemplo, a alegria por uma boa caça, pesca ou colheita. Para CASCUDO (1967) a colaboração portuguesa foi fundamental nas danças folclóricas brasileiras, especialmente no Sul do País.

Além disso, como já mencionado anteriormente, a dança era usada para entrar em contato com o sagrado realizando pedidos e agradecendo às divindades o suprimento de suas necessidades básicas; bem como, na realização dos ritos de passagem, religiosos, fúnebres e guerreiros. No Brasil, a religião ainda exerce influência sobre as manifestações folclóricas, de tal forma que, folguedos populares, de um modo geral, acontecem em festas religiosas, prevalecendo o caráter religioso, sobre o divertimento.

Destarte, as danças folclóricas “falam de hábitos e tradições, trazendo consigo o colorido de trajes que se tornaram clássicos, entre um povo ou uma raça, encerram em si lendas que, embora consideradas “daqui ou dali”, são fundamentalmente universais. Sua música e seus versos nasceram com o povo” (GIFFONI, 1964, p.32). São um importante meio de divulgação das tradições de um povo, pois reproduzem hábitos e costumes de uma determinada comunidade.

Os PCNs (Pluralidade Cultural/Orientação Sexual, 2001), apresentam a Pluralidade Cultural como tema transversal a ser trabalhado na escola. O povo

brasileiro possui diferentes heranças culturais, fruto também da diversidade étnica, que devem ser conhecidas, valorizadas e respeitadas. Essa diversidade resulta em características regionais próprias, também nas formas de organização social, bem como a relação do grupo com o sagrado e o profano. Este documento discorre sobre a importância da valorização da cultura de cada povo: “fortalecer a cultura própria de cada grupo social, cultural e étnico que compõe a sociedade brasileira, promover seu reconhecimento, valorização e conhecimento mútuo, é fortalecer a igualdade, a justiça, a liberdade, o diálogo e, portanto, a democracia” (PCNs, 2001, p.44).

A dança folclórica, na escola, abre caminhos para o conhecimento e a valorização de um determinado povo, uma vez que ela não se traduz somente na dança pela dança, pelo movimento, mas também traz aspectos culturais próprios da comunidade que a pratica. Nesse sentido, é possível levar o Fandango para sala de aula como tema de estudo e discussão, buscando conhecer o modo de vida de seus praticantes, a maneira que dançam e em que momentos essas comunidades costumam festejar. Conhecendo melhor essa manifestação cultural, pode-se eliminar possíveis preconceitos existentes em relação aos caboclos litorâneos, praticantes dessa manifestação cultural.

A prática das danças folclóricas permite outras contribuições, como discorre GIFFONI (1964), tais como: desenvolvimento físico, desenvolvimento do ritmo e da sociabilidade. Quanto a seu ensino, é importante que as danças sejam adequadas a faixa etária da criança e compatíveis com seu desenvolvimento, tomando-se cuidado para que os passos das coreografias sejam possíveis de serem executados, variando sua complexidade de acordo com a idade. Se isso for levado em conta, haverá uma possibilidade maior do educando manter seu interesse pela dança que está aprendendo.

De acordo com NANNI (1995), a dança folclórica passa por um processo evolutivo, acompanhando as mudanças culturais ocorridas nas comunidades, que estão sempre em processo de reelaboração, uma vez que a cultura não é algo imutável.

Isso também ocorre na vida dos caboclos litorâneos, praticantes do Fandango. Devido as modificações sofridas na comunidade ao longo dos anos, o Fandango deixou de ser praticado em muitas ocasiões, outrora comuns. Esse assunto será abordado com mais detalhes no capítulo que segue.

### 3 O FANDANGO NO PARANÁ

A origem do Fandango apresenta divergências, porém a versão mais divulgada é de que ele foi trazido ao Brasil pelos portugueses. Segundo PINTO (2003), o Fandango chegou ao litoral Paranaense por volta de 1750, através de ilhéus açorianos. Era considerada uma dança profana e era batida principalmente no Entrudo (precursor do Carnaval).

A palavra Fandango, de acordo com o Dicionário Aurélio (1995), pode significar entre outras coisas, dança rural portuguesa onde não há canto; baile popular, principalmente rural cujo acompanhamento musical é feito por viola ou sanfona onde são realizadas diferentes danças de roda, com sapateados. A palavra ainda pode ser usada para designar o auto ou representação popular, em torno da chegada de uma embarcação ao litoral. Sobre isso discorre BRANDÃO (1982) ao afirmar, que na região Nordeste do Brasil, o Fandango é um espetáculo popular, que ocorre em época de Natal. É constituído de várias peças e cantigas náuticas, dentre elas algumas de origem portuguesa, que falam de temas marítimos, como alegrias, peripécias, intrigas e trabalhos específicos, que se passam durante as navegações. No sul do País, a palavra Fandango possui um significado bem distinto. CASCUDO (1967) diz que na região Sul, o termo Fandango significa baile ou festa onde são realizadas diversas danças regionais, com letra e coreografia de origem portuguesa e espanhola.

BRITO e RANDO (2003, p.8), descrevem o Fandango no Paraná, que é praticado entre os caboclos e pescadores, como “um conjunto de coreografias, dançado ao som de viola e dos tamancos de madeira, que também atuam como instrumento de percussão nos pés dos dançantes”.

Para RODERJAN (1981), o Fandango dançado no litoral de São Paulo, é de todos, o que mais se assemelha ao Fandango Paranaense. Isso é reforçado por GIFFONI (1972) que, em uma coletânea de danças recolhidas no interior de São Paulo, denominada por ela de “Danças Miúdas”, faz menção ao Fandango, referindo-se a esse como um conjunto de danças rurais, realizadas em momentos especiais das pequenas comunidades como em casamentos e festas religiosas entre outros ou apenas

para divertir. A semelhança com o Fandango Paranaense aumenta, quando se refere ao nome das danças que compõem o Fandango no litoral Paulista, uma vez que representam muitas vezes a fauna brasileira: Sapo, Anu, Caranguejo, Tatu e Andorinha, por exemplo. Isso ocorre também no Fandango Paranaense e algumas danças recebem a mesma denominação. Em 1972, época da publicação de seu livro, o Fandango no litoral Paulista era dividido em batido e valsado e tinha como acompanhamento instrumental a viola, a rabeca, o pandeiro, caixa, e vez por outra, o violino. Percebe-se aí muitas semelhanças entre o Fandango praticado no litoral Paulista e no Paranaense, sendo que o último, será descrito no decorrer deste capítulo.

De acordo com AZEVEDO (1978), o Fandango Paranaense é considerado, como uma festa típica dos pescadores e caboclos do litoral do Paraná onde existem várias “marcas”<sup>4</sup> regionais. Na época de sua pesquisa, foram registradas trinta marcas diferentes, mas segundo site da TV Cultura (2004), há quase cem. Vinte e sete marcas, são conhecidas pelos fandangueiros tradicionais e as outras são específicas de cada região do litoral.

As danças são divididas em batidas e valsadas ou bailadas. As marcas batidas são caracterizadas pelo sapateado forte, batido a tamanco que exige grande esforço do homem e conseqüentemente bom preparo físico uma vez que são eles os responsáveis pelo tamanqueado. Segundo BRITO (2003), as marcas batidas, podem ser compostas de batidas simples ou complexas. As primeiras, são mais fáceis de dançar e indicadas para quem quer aprender a “bater” Fandango - deste grupo fazem parte as marcas Anu e Sinsará. As marcas com batidas complexas, são mais difíceis e exigem uma maior experiência por parte dos praticantes; como exemplo, pode-se citar: Tonta e Queromana. Nas marcas valsadas ou bailadas não há batidas de pés, mas evoluções coreográficas, que a exemplo das marcas batidas, também apresentam diferentes graus de dificuldade. As coreografias são compostas de rodas que podem abrir e fechar e de fileiras que se movimentam, com possibilidades de variações de figuras; para exemplificá-las pode-se mencionar as marcas Cana-Verde e Vilão de Lenço. As

---

<sup>4</sup> Expressão usada para denominar as danças no Fandango, onde os homens fazem sapateados com tamancos de madeira.

marcas batidas e valsadas são intercaladas para que os homens não se cansem, uma vez que no Fandango seus praticantes descansam dançando.

As letras das músicas falam de amor e de saudade; muitas delas levam o nome de animais, pássaros e flores, onde pode-se fazer uma relação de seus praticantes com a flora e a fauna. Aqui, pode-se citar as marcas: Andorinha, Anu, Pica-Pau, Bem-Te-Vi, Lírio e Açucena. Normalmente, para dar início ao Fandango, a primeira marca tocada é a Chamarrita de Louvação, que é bailada ou valsada e dançada em pares individuais; nela os violeiros fazem homenagem aos convidados especiais e agradecem aos patrocinadores, quando houver. A primeira marca batida é o Anu, porque seus praticantes acreditam que este é um pássaro agourento, e, se dançada no início, espanta o azar e desta forma tudo irá correr bem na festa. As marcas mais conhecidas no Fandango Paranaense são: Anu, Marinheiro, Xará, Andorinha, Cana-Verde, Tiraninha, Lajeana, Dondom e Feliz.

De acordo com ANDRADE e ARANTES (2003), em Rio dos Patos, no município de Guaraqueçaba, usa-se a expressão “modas” para denominar as danças e durante o Fandango elas são alternadas, sendo uma ou duas valsadas para uma batida e assim sucessivamente.

O Fandango é dançado aos pares, que não são fixos e devem rodar em volta do salão, sempre no sentido anti-horário. BRITO (2003) afirma, que seus praticantes podem ser chamados de marcadores ou marcadoras de roda ou ainda de folgadores ou folgadeiras<sup>5</sup>. Atualmente essa expressão é pouco usada sendo mais comum a denominação: fandangueiros(as). Embora as marcas sejam as mesmas, cada local tem seu jeito próprio de dançar, sendo que o ritmo também pode variar em cada região.

O piso mais apropriado para “bater” Fandango é o de assoalho de madeira por proporcionar maior ressonância, uma vez que os tamancos também são de madeira. PINTO (2003, p.2) descreve que as tábuas devem ser largas, flexíveis e com duas polegadas, oferecendo assim, maior resistência aos vigorosos sapateios pois “o melhor

---

<sup>5</sup> Segundo RODERJAN (1981) essa expressão surgiu porque o Fandango era dançado na folga do sábado para o domingo.

“folgador” é aquele que bate com mais força o tamanco e que, quando consegue rachar as tábuas do assoalho, recebe logo o apelido de “machado” ”.

Os instrumentos que acompanham o Fandango são: a viola, a rabeca e o adufe. Muitos fandangueiros sabem confeccioná-los de forma artesanal e o resultado se traduz em lindos trabalhos manuais, com uma arte bem particular. Normalmente aprendem a fazê-los com alguém da família e para confeccioná-los usam a caxeta, árvore comum no litoral do Paraná, que é leve e fácil de trabalhar. CORREIA (2002), descreve que a madeira da caxeta é uma das poucas que não é afetada pelo cupim e se cortada na lua minguante, não irá bichar. Anísio Pereira citado por MARCHI; SAENGER e CORRÊA (2002), diz que a viola também pode ser feita de caroba, cedro ou cambará e que é melhor cortar a madeira na lua minguante, porque está mais enxuta e portanto não corre o risco de rachar.

Existem algumas particularidades bem interessantes no Fandango: os instrumentos musicais são tocados apenas por homens e só eles podem cantar e sapatear. PINTO (2003), descreve que a viola utilizada no Fandango é bem peculiar, diferenciando-se da viola sertaneja e só é fabricada no litoral do Paraná. Possui onze cordas, sendo cinco duplas e mais meia corda - chamada de turina. Os violeiros do Fandango não possuem método de afinação e a “temperam”<sup>6</sup> na altura da voz que irão cantar.

A rabeca, também chamada de rebeca, assemelha-se a um violino, porém é mais rústica. Possui três ou quatro cordas e o sedenho do arco é feito normalmente com fio de nylon. Antigamente também era feito de crina de cavalo. Anísio Pereira, citado por MARCHI; SAENGER e CORRÊA (2002), conta que a corda pode ser feita da parte interna da Timbopeva (cipó), que é bem forte e dá mais som.

Conforme CORREIA (2002), a confecção da rabeca exige muita habilidade, paciência e a utilização de instrumentos rudimentares como machado, faca e canivete, entre outros. Talvez por isso mesmo, poucos são os fandangueiros que sabem fazê-la.

---

<sup>6</sup> Temperar viola, segundo BRITO e RANDO (2003) é expressão comum usada pelos violeiros para afinar suas violas.

GRAMANI (2002) documentou, entre outros, a construção de rabeca feita por dois fandangueiros do litoral do Paraná: Júlio Pereira (Paranaguá) e Martinho dos Santos (Morretes). Júlio é membro da Família Pereira, nasceu em Cananéia (SP), mas mudou-se ainda pequeno para Rio dos Patos (Guaraqueçaba). Assim como Martinho, sabe fazer rabeca, mas não sabe tocá-la; o instrumento que toca é viola. Para fazer o corpo da rabeca utiliza araribá e caxeta, sendo que a raiz dessa é bem apropriada por ser mole e porque pode ser trabalhada quando ainda está verde, o que facilita o corte e entalhe. Para outras peças da rabeca, como o cavalete, o estandarte, o espelho e as cravelhas, também pode ser usada a madeira do jacarandá e canela preta. Segundo o pesquisador, não é fácil aprender a tocar viola, porque as alturas corretas das notas não são estipuladas em seu braço (o que não ocorre por exemplo, com outros instrumentos de corda como o violão, a viola e o cavaquinho) e porque a produção de som, por meio do arco, requer muito treinamento do tocador. Talvez, estes sejam os principais motivos do pequeno número de tocadores de rabecas ou interessados em aprender tocar.

O adufe ou adufo, é parecido com o pandeiro, mas assim como a rabeca, também é mais rústico. O aro é feito de caxeta e as baterias com tampinhas de garrafa. O couro mais apropriado para revesti-lo é o de cachorro do mangue, mas atualmente é mais utilizado o couro industrializado, uma vez que a caça destes animais está proibida.

O canto é puxado pelo(s) violeiro(s) ou cantador(es) que normalmente são dois e muitas vezes improvisam para homenagear alguém. De acordo com BRITO (2003), a expressão “Ô de casa!” é falada pelos violeiros para avisar que a marca está chegando ao fim. Desta forma, os batedores fazem o arremate (sapateados finais) e as mulheres saem da roda.

CORREIA (2002) afirma que a indumentária usada para dançar é normalmente composta por trajes simples, uma vez que trajes de seda não condizem com a realidade de seus praticantes, que de um modo geral, são pessoas humildes e de baixo poder aquisitivo. Para os homens, calça de brim, camisa estampada, lisa ou xadrez e o tamanco como calçado, muitas vezes também confeccionado pelos próprios praticantes. O tamanco, além de ser parte da indumentária masculina, pode ser

considerado um instrumento de som, porque quando batido no ritmo, em assoalho apropriado, produz boa ressonância. Para as mulheres, o traje traduz-se em saia rodada, blusa presa à cintura ou vestido estampado.

A comida típica que acompanha o Fandango é o Barreado, prato muito degustado no litoral do Estado. Cultivado por caboclos moradores do litoral há muitos anos, o Barreado também é o prato principal dos restaurantes de Morretes e Antonina, sendo comum os moradores de Curitiba e outras cidades do Planalto, descerem a Serra do Mar para saboreá-lo.

A origem do Barreado é polêmica, uma vez que habitantes de Morretes, Antonina e Paranaguá, atribuem a invenção do prato a algum conterrâneo, cada qual de sua cidade. O fato é que o Fandango e o Barreado estão diretamente relacionados. Conforme CORREIA (2002), o Barreado já era preparado no Entrudo, quando os caboclos litorâneos batiam Fandango e degustavam esse prato durante três dias seguidos. Também estava presente na prática dos mutirões, o que será abordado mais adiante.

O nome Barreado, vem da expressão “barrear” a panela e isso é feito com uma massa de cinza ou farinha de mandioca com água, que é colocada ao redor da tampa da panela, evitando assim, que o vapor escape. Seus principais ingredientes são a carne e o toucinho. A preparação é demorada e segue um determinado ritual. Normalmente, o seu preparo inicia-se no dia anterior ao que irá ser servido. De acordo com CORREIA (2002), na Receita Oficial do Barreado no Paraná, oficializada pela Empresa Paranaense de Turismo (PARANATUR), a carne e o toucinho devem ser cortados em pedaços pequenos e ser adicionados aos temperos (cebola, alho, louro, pimenta e cominho). É importante que essa mistura repouse, para que o tempero penetre na carne. Depois, forra-se a panela (que deve ser de barro) com toucinho e acrescenta-se a carne temperada. Em seguida a panela deve ser tampada, primeiramente com folha de bananeira que já deve estar sapecada, e, depois, com a tampa da panela, que deve ser “barreada”. Nas primeiras horas o fogo deve ser forte e depois o cozido pode ser passado para o fogo brando. Em média, demora doze horas para que o prato fique pronto. O que irá indicar se o prato está cozido o suficiente é a cor da folha de bananeira: se estiver escura, é sinal que o prato está pronto. Está é a maneira

tradicional de preparar o Barreado e confere ao mesmo um sabor peculiar, que pode ser alterado, ao se reduzir o tempo de cozimento utilizando para isso maneiras modernas, como a panela de pressão, por exemplo.

Enfim, existem muitos detalhes que diferem o Fandango Paranaense do Fandango praticado em outros Estados brasileiros, fazendo dele uma interessante manifestação cultural.

### 3.1 O FANDANGO NUM PASSADO NÃO TÃO DISTANTE

O Fandango está há muito presente na vida dos caboclos que habitam o litoral do Paraná, embora tenha sofrido modificações com o passar do tempo. No início era dançado em casamentos, aniversários e em época de Carnaval, durante quatro dias, acompanhado do Barreado, que era utilizado para matar a fome e repor as energias. Outro motivo para a realização do Fandango era o mutirão. Segundo BRITO e RANDO (2003), em Guaraqueçaba o mutirão era realizado aos sábados, quando os vizinhos se reuniam e juntos preparavam a terra e faziam a plantação. Desta forma o trabalho era realizado num menor tempo e os gastos com a lavoura eram reduzidos.

A prática do mutirão revelava uma maneira interessante de sobrevivência, uma vez que era da terra que os fandangueiros tiravam seu próprio sustento. De um modo geral, os homens iam para a roça e as mulheres preparavam a comida e arrumavam a casa. Após um dia de trabalho no mutirão, o Fandango era realizado na casa do dono da terra como forma de pagamento e como recompensa do trabalho. No baile, comemoravam o roçado, o plantio ou a colheita e o mais importante: a solidariedade dos integrantes das comunidades locais. O Fandango era iniciado pelo dono da casa e nele todos dançavam, comiam e bebiam, muitas vezes até amanhecer o dia, quando cada um voltava para sua casa.

Anísio Pereira, citado por MARCHI; SAENGER e CORRÊA (2002), relata que quando morava em Rio dos Patos, na época de roçado e plantação realizavam mutirão quase todos os sábados. No começo da semana convidavam os vizinhos, a maioria parentes, e, no sábado bem cedo, se reuniam para começar o trabalho. No final da

tarde, iniciavam o Fandango para compensar o dia trabalhado. Faziam mutirão também para a “varaço”<sup>7</sup> de canoa, quando esta era muito grande (de oito a nove metros), juntos faziam o seu corte e o puxavam no braço por volta de cinco a seis quilômetros para depois ser feito o acabamento. Era serviço pesado e para conseguir realizá-lo precisavam reunir de vinte a trinta pessoas, daí o mutirão. Hoje, de acordo com ele, não fazem mais mutirão em Rio dos Patos. Os motivos são diversos: muitos moradores se mudaram para a cidade em busca de uma vida melhor, menos sofrida, já que lá não tinham escola para os filhos, nem assistência médica caso adoecessem. Além do que, o local tornou-se área de preservação ambiental e atualmente pertence ao Parque Nacional de Superagüi; sendo assim, o desmatamento e o roçado foram proibidos, o que dificultou a sobrevivência no lugar.

Romão Costa, citado por MARCHI; SAENGER e CORRÊA (2002), menciona que a prática do mutirão era sempre feita nas terras de seu avô, quando os vizinhos se reuniam para ajudar na plantação e recebiam o Fandango como forma de pagamento. Diz também, que faziam Fandango para comemorar santos como: Santo Antônio, São João, São Pedro, dia de Reis e também Natal e Ano-Novo. A festa era comum na Ilha dos Valadares, era festa do pescador, do agricultor, enfim, festa do caboclo. Para acompanhar o Fandango, sempre tinha o Barreado. Segundo BRITO e RANDO (2003), essa prática está quase totalmente desaparecida, devido a fatores como: o êxodo por parte dos habitantes nativos para centros urbanos e empobrecimento dos moradores que continuam nas pequenas localidades.

Além do Fandango ser dançado nas ocasiões acima descritas, também era realizado para descascar arroz. Mestre Romão, citado por MARCHI; SAENGER e CORRÊA (2002), relata que antigamente colhiam o arroz e o depositavam num galpão para que secasse. Depois de seco, batiam no arroz com uma pá até amassar. Para completar o serviço, um violeiro tocava e cantava e outras pessoas sapateavam com tamancos em cima do arroz, com o objetivo de descascá-lo. Quando terminavam,

---

<sup>7</sup> Termo usado pelos Pereira para referir-se a confecção de canoa (MARCHI; SAENGER E CORRÊA, 2002).

limpavam o local e dançavam Fandango. A isso chamavam de “fazer gambá”. Essa denominação era usada porque esse serviço provocava uma coceira na pele produzida pelas espiguetas do arroz. Assim como o mutirão, essa prática também não ocorre mais, pelos mesmos motivos acima descritos.

### 3.2 A TRADIÇÃO ORAL E A CONTINUIDADE DO FANDANGO

O Fandango no Paraná ainda mantém muito de sua pureza, embora a cultura da região sofra alterações devido às mudanças sócio-econômicas e outras influências que modificam o modo de vida das comunidades locais. Essas mudanças são sentidas pelos antigos fandangueiros da Ilha dos Valadares e sobre isso relatam MARCHI; SAENGER e CORRÊA (2002), ao citarem Waldemar Cordeiro. Para ele, depois que os bailes com som eletrônico começaram a acontecer com mais frequência na Ilha, o Fandango na comunidade perdeu forças e não existe mais como antigamente.

RANDO (2003), também discorre sobre o assunto e afirma que na década de 60, em Guaratuba e Matinhos, os moradores incorporaram muitos costumes dos turistas, o que contribuiu para a redução das tradições locais, entre elas, o Fandango.

Os meios de comunicação, o avanço da tecnologia e o aumento de religiões evangélicas, também favoreceram a inibição das tradições do povo litorâneo. Tanto é, que nos locais mais afastados, onde a tecnologia e as práticas religiosas não se instalaram totalmente, a prática do Fandango é mais forte. É o caso da Família Pereira, o Fandango faz parte de suas vidas e é dançado da mesma maneira que aprenderam com os pais e avós.

A transmissão oral está presente na vida de muitos fandangueiros, quer seja nas danças, quer seja na confecção dos instrumentos ou na maneira de tocá-los e afiná-los:

A transmissão está em geral ligada à família, à fé, ou a ambas. O repasse se dá na convivência, de forma oral, não passa por métodos nem lições. Baseia-se, com frequência, na imitação do adulto pela criança. Muitos tocadores não sabem precisar exatamente quando e como aprenderam sua arte. Citam principalmente os pais, os avós, os tios, e seu amor por eles e pela música ou pela função. Referem-se à tradição musical como continuidade da família, de sua identidade, do convívio com os mais velhos. Ancestralidade. (MARCHI; SAENGER e CORRÊA, 2002, p.41)

Mestre Eugênio e Mestre Romão, moradores da Ilha dos Valadares, aprenderam o Fandango através da tradição oral. Mestre Romão (74 anos) nasceu de família de fandangueiros e demonstra ter o Fandango no sangue e no coração. Aprendeu a dançar com o pai por volta dos doze anos e dança até os dias de hoje. SAENGER (2002) relata que por muito tempo o Fandango foi o único divertimento para os caboclos litorâneos, e, como descrito anteriormente, acontecia após os mutirões. Atualmente, essa prática raramente ocorre e os fandangueiros tiveram que encontrar outras maneiras de manter a continuidade dessa manifestação cultural. É o caso de Mestre Romão, que com o apoio da Prefeitura Municipal de Paranaguá, criou um grupo folclórico que leva seu nome e está preocupado com a revitalização do Fandango. Para isso, realiza um trabalho de divulgação em escolas Municipais e Estaduais de Paranaguá, ensina a dançar algumas marcas e viaja fazendo apresentações em cidades do Paraná e outros Estados.

Ao contrário da Família Pereira, que usa roupas simples nas apresentações, o Grupo Folclórico Mestre Romão possui trajes de seda sofisticados, o que talvez acabe tornando-se um atrativo a mais para seus jovens praticantes, uma vez que o grupo é formado na sua maioria por eles.

Assim como Seu Romão, Mestre Eugênio (67 anos), também aprendeu a dançar observando os pais e por volta dos treze anos já tocava viola, sua maior paixão, a qual toca até hoje. Para manter a continuidade do Fandango, com muito esforço e com poucos recursos financeiros, construiu no terreno de sua residência, a Casa do Fandango. O local possui um assoalho adequado à prática do Fandango e nele são realizados bailes todos os sábados, onde a comunidade local pode assistir apresentações de Fandango e também participar dançando.

Desta forma, Mestre Eugênio encontrou uma maneira prazerosa de divulgar tal tradição. Além disso seu grupo faz apresentações pelo Paraná e outros Estados e também ensina crianças e adolescentes a dançar. Ao referir-se aos filhos, diz que nenhum deles demonstra interesse em aprender a tocar ou a dançar Fandango. Considera Aurélio Domingues como filho e com sua ajuda está divulgando o Fandango. Aurélio, é um dos poucos jovens, que sabe tocar e fazer rabeça e, dedicado

ao Fandango, estimula os antigos tocadores da região a preservar tal prática. Tanto Mestre Eugênio como Mestre Romão, demonstram preocupação de que o Fandango possa vir a desaparecer nas próximas gerações. Além dos grupos de Mestre Eugênio e Mestre Romão, Paranaguá possui outro grupo, chamado Caiçaras do Paraná, que também busca a preservação do Fandango. Em Morretes, conforme DE BONA (2004), o Fandango é preservado através do Grupo de Fandango Prof<sup>a</sup> Helmosa (nome dado em homenagem a prof<sup>a</sup>, já falecida, que muito se dedicou a divulgação do Fandango), que recebe apoio financeiro da Caixa Econômica Federal e que por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Esporte, divulga essa manifestação cultural aos jovens do município.

Afora os fandangueiros tradicionais, que lutam incansavelmente para preservá-lo, há outras pessoas, interessadas na continuidade dessa manifestação cultural. É o caso de Alecir Carrigo, natural de Antonina. Compositor, músico e cantor, faz uma leitura contemporânea do Fandango, utilizando-se da rabeca, da viola, do adufe e do tamanco. Suas letras retratam a vida do homem litorâneo, onde alegrias e tristezas, sonhos e esperanças se fazem presentes (Site da Secretaria do Estado e Cultura, 2004). Outros músicos e artistas, também demonstram interesse pelo Fandango, como por exemplo, o grupo Viola Quebrada, que gravou um CD duplo chamado Viola Fandangueira: o primeiro, gravou com Mestre Eugênio e Pedro Pereira (ambos moradores de Ilha dos Valadares) e o segundo, com a Família Pereira. Esse CD é considerado pelo grupo curitibano como um documento histórico, pois há poucos registros sobre o Fandango Paranaense. O grupo Fato e Mundaréu, ambos de Curitiba, também levam as batidas do Fandango Paranaense aos seus shows.

Há ainda outras formas de divulgar o Fandango. BAZZO (2004) relata que o grupo de teatro Pirão do Mesmo, de Guaraqueçaba, há 10 anos divulga essa manifestação cultural, encenando a peça denominada “O Fandango”. Escrita para teatro de bonecos por Renato Perré, foi adaptada para o palco por Wilson Nunes de Souza. Recentemente foi fundada, em Guaraqueçaba, uma associação (Associação dos Fandangueiros de Guaraqueçaba), cujo objetivo principal é promover a união dos fandangueiros e buscar apoio financeiro para os mesmos. Atualmente, a prioridade da

Associação é a construção de um local para a prática do Fandango, porque ainda não possuem um espaço adequado para dançar.

O Fandango no Paraná ainda mantém muito de sua autenticidade, porém já deixou de ser praticado em muitas ocasiões, como era comum até poucos anos atrás e sua continuidade está ameaçada. As novas gerações não demonstram muito interesse em aprender e manter a tradição de seus antecessores. Sem herdeiros, o Fandango pode estar condenado. Segundo GRAMANI (2002), em Morretes, onde antes o Fandango fazia parte da comunidade local, hoje não há mais bailes e nem apresentações.

DEFREITAS (s.d.), também acredita que o Fandango apresenta uma tendência a desaparecer, devido ao fácil acesso dos meios de comunicação, que podem provocar mudanças nos costumes da população caiçara. Para MARCHI (2002, p.46) há esperança, no que se refere a continuação do Fandango quando se pensa na Família Pereira: “Com o tempo e o contato fui descobrindo que apesar de todas as dificuldades o fandango não podia acabar. Ele poderia não chegar até nós, ficando restrito ao conhecimento dos mestres, mas mesmo com essa família dispersa, separada, não iria se acabar o fandango”

Com o Fandango ameaçado de extinção na visão de muitos fandangueiros e estudiosos do assunto, o texto que segue aborda como o Fandango está presente na vida da Família Pereira e seu intuito é o de aprofundar a reflexão sobre a sua continuidade ou não.

### 3.2.1 O Fandango na Família Pereira

De acordo com BAZZO (2004), a Família Pereira veio do Estado de São Paulo<sup>8</sup> (onde ainda possui parentes) em busca de terras boas para plantar e foi morar na

---

<sup>8</sup> Segundo a autora, em algumas regiões do estado de São Paulo, existe uma prática de Fandango semelhante ao Fandango no Paraná.

localidade de Rio dos Patos, situada na região costeira de Guaraqueçaba. Em 1940, os Pereira eram os únicos habitantes no local e por lá permaneceram por mais de 50 anos, bem isolados de outras comunidades. Atualmente, Rio dos Patos faz parte do Parque Nacional de Superagüi, que em 1999, foi declarado Patrimônio Natural da Humanidade.

O acesso ao local é difícil e demorado: de Paranaguá até Guaraqueçaba, são três horas de barco ou cinco horas de carro, em estrada de terra. ANDRADE e ARANTES (2003) afirmam que, os laços sanguíneos na família são fortes, haja visto que muitos casamentos são realizados entre parentes, inclusive primos de primeiro grau. Por muito tempo, tiravam o próprio sustento do cultivo de arroz, milho e feijão e da pesca artesanal. Fazem artesanalmente os instrumentos do Fandango como violas e rabecas, bem como os tamancos.

A Família Pereira conserva as características tradicionais do Fandango, pois ainda canta, dança e toca da maneira como aprendeu com os mais idosos. MARCHI; SAENGER e CORRÊA (2002) constataram através de pesquisa, que muitos integrantes desta família - Pedro, Júlio, Julino, Leonildo e Anísio (todos com mais de 50 anos) - aprenderam a dançar, a cantar e a confeccionar os próprios instrumentos que acompanham o Fandango com os pais, tios e avós, o aprendizado ocorreu por meio da oralidade e de observações.

Não existem métodos e técnicas entre eles para ensinar o Fandango ou fazer os instrumentos musicais. Aprendem olhando, perguntando e fazendo. Da nova geração dos Pereira, apenas Heraldo, filho de Anísio, aprendeu a tocar e a fazer rabeca, instrumento pelo qual demonstra maior preferência: “O fandango é importante pra minha família, pra mim também, sou da mesma família e gosto da tradição deles” (MARHI; SAENGER e CÔRREA, 2002, p. 305).

Aspectos religiosos estão presentes na família e por ela são respeitados. CARICONE (2004) relata que os Pereira, não realizam bailes no período da quaresma ou de luto, época em que as violas e rabecas permanecem guardadas.

Assim como outros amantes do Fandango, o Grupo Família Pereira; formado por primos, irmãos e filhos; também busca, a seu modo simples, divulgar tal

manifestação cultural. Gravaram, como já descrito, um CD com o grupo curitibano Viola Quebrada e buscam apoio para repassar o Fandango a quem se interessar e também fazem apresentações a quem os contratar.

Apesar da dispersão sofrida por seus integrantes e das modificações que ocorreram no modo deles viverem, o Fandango ainda ocorre na família com uma certa frequência.

#### **4 O CONTATO PESSOAL COM O FANDANGO**

A nível de experiência pessoal, até o início de 2003 o Fandango não passava de um conjunto de danças praticadas no litoral do Estado, nas quais os homens usam tamancos para realizar os sapateios. O conhecimento a respeito, restringia-se a reportagens assistidas na TV Paraná Educativa ou a ensaios vistos no coreto da praça em Morretes, nas tardes de sábado, quando visitava a cidade. Os sapateios e palmeios feitos por aqueles jovens, chamavam a atenção e despertavam as curiosidades. A partir daí, surgiu a vontade de aprofundar os estudos por essa manifestação cultural e levar informações sobre o assunto até os(as) alunos(as) do ensino fundamental. Definido isso, o primeiro passo para conhecer mais sobre o tema, foi participar do evento: “Fandango Sobe a Serra 2” que recebeu o apoio da Prefeitura Municipal de Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, Lei de Incentivo a Cultura e a Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, com patrocínio da Siemens e SANEPAR. Realizado no período de 06 a 09 de maio de 2003 no Colégio Estadual do Paraná, esse evento buscou a divulgação do Fandango e a valorização de seus herdeiros, os fandangueiros.

Foi aí que nasceu a paixão pelo Fandango. A participação em oficinas de danças com os próprios fandangueiros, entre eles, Leonildo e Anísio Pereira e Mestre Eugênio, foi muito significativa e fez com que o interesse pelo Fandango aumentasse. Outros fatos interessantes marcaram esse evento, entre eles: ver Heraldo Pereira confeccionar artesanalmente uma rabeca, conhecer os instrumentos que acompanham o Fandango, conversar com os fandangueiros e conhecer um pouco mais essas pessoas que fazem parte dessa histórica manifestação cultural, assistir palestras sobre o tema e apresentações do Fandango Paranaense representado pelos grupos: Família Pereira, Mestre Romão e Mestre Eugênio. Enfim, esse evento, foi muito interessante e possibilitou uma aproximação real com o tema.

Conhecendo um pouco mais sobre o assunto, em parceria com duas colegas de escola, elaborou-se um projeto voltado para o Folclore de um modo geral com ênfase no Fandango Paranaense e o mesmo foi desenvolvido em duas turmas, uma de Educação Infantil e outra de Primeira Etapa do Ciclo II.

Os estudos continuaram e as experiências também. O lançamento do livro: Fandango de Mutirão, permitiu mais uma vez o contato com muitos fandangueiros do litoral Paranaense e assistir apresentações dos grupos Mestre Romão e Família Pereira. Outra experiência marcante, foi à visita a Ilha dos Valadares onde foi possível entrevistar Mestre Romão, Waldemar Cordeiro e Pedro Pereira, cada qual em sua residência. Os dois últimos tocaram viola e rabeça respectivamente e falaram com muito entusiasmo do Fandango. Conheceu-se também o espaço adequado (com assoalho de tábuas largas), que há na casa de Mestre Romão, para prática de Fandango e a Casa de Fandango, construída ao lado da residência de Mestre Eugênio, onde aos sábados são realizados bailes.

O projeto teve bons resultados e em 2004, em outra escola, decidiu-se pela divulgação do Fandango, uma vez que constatou-se o desconhecimento do mesmo por parte dos(as) alunos(as). As Atividades desenvolvidas neste projeto são descritas e avaliadas a seguir.

#### 4.1 O FANDANGO NA ESCOLA “AUGUSTA”

##### 4.1.1 A Escola

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Prof<sup>a</sup> Augusta Glück Ribas, localizada no bairro Sítio Cercado, região Sul da capital Paranaense. A escola pertence ao Núcleo Regional Bairro Novo e nela estudam 900 alunos(as) divididos(as) em trinta turmas, sendo quinze no período da manhã e quinze à tarde.

O espaço físico da escola compreende quinze salas de aula, distribuídas em dois blocos horizontais. Possui também um laboratório de informática, uma sala de aprendizagem e dependências como: secretaria, sala da direção e orientação pedagógica, sala dos professores, banheiros e cozinha. Para as aulas de Educação Física, possui uma quadra de cimento e uma cancha de areia.

A escola atende ao Ensino Fundamental e está organizada em ciclos de aprendizagem, divididos em: Etapa Inicial, Ciclo I (1ª e 2ª etapa) e Ciclo II (1ª e 2ª etapa). No período noturno a escola atende a Educação de Jovens e Adultos (EJA), num total de 150 alunos.

A integração da escola com a comunidade acontece através de reuniões com os pais, festas comemorativas (Festa Junina, Festa da Primavera), palestras e o Projeto de Alfabetização Ecológica.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico<sup>9</sup>, a clientela é formada por crianças vindas de famílias da classe trabalhadora da capital, do interior do Estado e de outros Estados, que moram perto da escola em conjuntos habitacionais e ocupações urbanas.

A maior parte dos moradores são trabalhadores (o desemprego também se faz presente nessa comunidade) e pertencem à classe média baixa e classe pobre. Muitas vezes, os pais vão trabalhar e os filhos mais velhos cuidam dos irmãos menores. Muitos(as) alunos(as) por falta de uma boa estrutura familiar ficam nas ruas após o período de aula. Outros(as), no período contrário ao escolar, freqüentam o Projeto de Integração da Criança e do Adolescente (PIA), desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Curitiba, cujo principal objetivo é desenvolver atividades pedagógicas atraentes e evitar que as crianças fiquem nas ruas, enquanto os pais trabalham. A falta da presença dos pais em casa é refletida na escola, uma vez que muitas crianças apresentam problemas decorrentes dessa ausência, tais como: falta de higiene pessoal, falta de carinho, atenção, valores e também falta de limites.

A escola está inserida numa comunidade que possui pouco ou nenhum recurso voltado para estimular o desenvolvimento sócio-cultural das crianças e para a maioria delas, a escola representa o único instrumento de acesso às informações e ao conhecimento. Por isso, é importante que por meio da escola, os(as) alunos(as) tenham oportunidade, de conhecer aspectos referentes a manifestações culturais próprias do

---

<sup>9</sup> Projeto da Escola Municipal Profª Augusta G. Ribas, elaborado no ano de 2001 e vigente até o momento.

Estado e região, neste caso específico, o Fandango Paranaense, que de outra forma, provavelmente não conheceriam.

A clientela específica envolvida nesta pesquisa, foi composta por três turmas da 1ª Etapa do Ciclo II, totalizando 99 crianças, na faixa etária compreendida entre 8 a 12 anos. Destas, 54 são do sexo masculino e 45 do sexo feminino.

Num levantamento inicial, através de conversa com as crianças, constatou-se que apenas uma delas já tinha ouvido falar do Fandango Paranaense, o que confirmou o desconhecimento do Fandango litorâneo por parte dos(as) alunos(as) e reforçou a necessidade sentida do tema ser desenvolvido na escola, buscando sua divulgação e valorização.

#### 4.1.2 Procedimentos Metodológicos

A projeto foi desenvolvido no período compreendido entre agosto a novembro de 2004, em dois encontros semanais, nas aulas de Educação Física. Para que o trabalho se efetivasse, primeiramente foi apresentado o tema aos(as) alunos(as) e explicado como é o Fandango praticado no litoral do Paraná, já que apenas um deles sabia do que se tratava, pois assistiu a um documentário exibido pela TV Paraná Educativa. Para os outros, o “Fandango” se tratava de um salgadinho fabricado pela Elma Chips, muito consumido por sempre trazer dentro de suas embalagens figurinhas ou brinquedos atraentes para a faixa etária em questão. Aqui, percebe-se a influência exercida pela mídia, na formação do cidadão de um modo geral e da clientela envolvida na pesquisa, que tem na televisão um dos maiores entretenimentos.

Para que os(as) alunos(as) entendessem melhor do que se tratava o objeto de estudo, foi passado um vídeo produzido e exibido pela TV Professor (da Rede Municipal de Curitiba). O vídeo trata da história do Fandango no Paraná, apresenta três marcas – Anu, Marinheiro e Xará - com suas respectivas letras e coreografias, mostra os instrumentos musicais que acompanham essa manifestação cultural bem

como o Barreado, prato diretamente relacionado ao Fandango, como já descrito na revisão de literatura.

No trabalho desenvolvido com os(as) alunos(as) houve uma preocupação em diversificar as atividades para que estas se tornassem interessantes para os(as) mesmos(as). Desta forma, trabalhou-se com: vídeos, textos, registros em desenhos e escritos (depoimentos), confecção em massa de modelar dos instrumentos que acompanham o Fandango, receita e degustação do Barreado, e a letra da música que leva o nome deste prato típico. Decidiu-se pela preparação do Barreado, por este ser um prato que tradicionalmente acompanha o Fandango e ser muito degustado no litoral do Paraná. Depois de um levantamento oral junto aos(as) alunos(as), constatou-se que apenas um aluno já havia experimentado o Barreado. Daí a preparação do prato para todos(as) os(as) alunos(as) envolvidos na pesquisa, o que exigiu muito trabalho. De um modo geral, os(as) alunos(as) demonstraram muita ansiedade em experimentar o prato e, depois de o terem feito, muitos(as) comentaram que iriam pedir para que a mãe o preparasse em casa.

Outra atividade desenvolvida foi a prática de algumas marcas: Dondon, Cana-Verde e Vilão-de-Lenço. Foi ensinada também a dança: Mestre Domingues, escolhida por ser de fácil execução e por possuir palmeios e sapateios (realizado pelos meninos), o que por sua vez deixa a dança interessante e atrai a atenção de quem a assiste<sup>10</sup>. A primeira barreira a ser vencida foi o uso do tamanco por parte dos meninos, pois inicialmente comentavam que isso era coisa de mulher e que não iriam usar. Depois de assistirem a um vídeo sobre o Fandango litorâneo e das discussões em aulas teóricas, esse preconceito foi superado e a aceitação tornou-se coletiva. Curiosamente, no final da pesquisa, foi possível perceber, através de observação das aulas práticas e depoimentos escritos, que uma das coisas de que mais gostaram no Fandango, foi exatamente dos tamancos, por produzirem sons interessantes e terem o efeito de um

---

<sup>10</sup> A apostila: Seminário - Folclore em questão, distribuída em encontro de professores de Educação Física da Prefeitura Municipal de Araucária (2003), apresenta essa dança como parte do Fandango litorâneo. Nos livros consultados e que constam nas referências bibliográficas desta monografia, a mesma não aparece nenhuma vez.

instrumento musical, quando batidos num mesmo ritmo (ANEXO 1). Todos(as) os alunos(as) envolvidos(as) na pesquisa, aprenderam as coreografias das marcas acima citadas e 50 deles(as) dançaram na apresentação realizada na escola, que contou com a presença de várias mães, alunos das outras 12 turmas que estudam no período da tarde com suas professoras regentes, inspetoras e direção. Muitas das atividades descritas foram registradas em fotografias (ANEXO 5).

A participação da Família Pereira (família de fandangueiros Guaraqueçaba, que mantém tradicionalmente o Fandango, pois ainda dança da maneira como aprendeu com seus antecessores) foi fundamental e enriqueceu muito o trabalho. Decidiu-se por trazer a Família Pereira à escola por ser mais viável, uma vez que, como já citado, muitos(as) alunos(as) participaram da pesquisa e levá-los para Guaraqueçaba (local de difícil acesso), demandaria muitas horas de viagem, custos elevados, além de envolver pais e outros profissionais da escola. Mesmo assim, para que o objetivo proposto se tornasse realidade, foi necessário um esforço significativo. Primeiro, fez-se diversos contatos com Oswaldo Rios, vocalista do grupo curitibano Viola Quebrada e amigo da Família Pereira. Por seu intermédio, fez-se a aproximação necessária e como resultado, o contato direto com um dos integrantes da família, Nilo Pereira. Depois de muita conversa, Nilo concordou em visitar a escola com a família, uma vez que viriam para Curitiba patrocinados pela Secretaria Estadual de Cultura. Alguns imprevistos surgiram, mas finalmente a visita à escola foi confirmada. A família passa por dificuldades financeiras, uma vez que a maioria deles acabou se deslocando do local onde moravam por diversos motivos, já apresentados na revisão de literatura. Sabendo da dificuldade de sobrevivência, fez-se uma campanha na Escola Augusta G. Ribas de roupas e calçados, cuja arrecadação resultou numa grande quantidade de peças, que foram doadas aos integrantes da família.

A empatia entre a família e os(as) alunos(as) foi grande, todos mostram-se muito a vontade e essa experiência tornou-se uma festa. A família fez uma apresentação num palco improvisado - folhas de madeirites sobre o piso da quadra - para que houvesse uma melhor ressonância do som dos tamancos. Dançaram quatro marcas: Anu, Queromana, Sinsará e Dondon, sendo três batidas e uma bailada respectivamente. Em seguida, de maneira informal, os alunos entrevistaram dois de

seus praticantes: Leonildo Pereira e Nilo Pereira. Na entrevista foi possível perceber que a tradição oral está presente nesta família. Ambos falaram que aprenderam a dançar e a tocar com os pais e avós e que sabem fazer artesanalmente a viola e a rabeca, instrumentos usados no Fandango. Leonildo Pereira também sabe confeccionar os tamancos que usam para dançar.

Os(as) alunos(as) também tiveram a oportunidade de manusear os instrumentos musicais usados na apresentação, sendo que o que gerou maior interesse foi a rabeca, instrumento rústico, semelhante ao violino.

O contato dos(as) alunos(as) com praticantes do Fandango litorâneo, sem dúvida alguma enriqueceu muito o trabalho e favoreceu a divulgação dessa manifestação cultural: “Eu gostei de tudo, mas o que mais gostei foi do sapateado. Eles são muito legais e simpáticos...eu adorei, eles fazem seu próprio instrumento, eles são demais” (Júlia, 3ªB). Outros depoimentos encontram-se no ANEXO 2.

Antes da família ir embora da escola, foi servido um lanche preparado pelas mães dos(as) alunos(as) participantes da pesquisa, o que mostrou mais uma vez o envolvimento dos(as) mesmos(as) no trabalho.

Enfim, dificuldades surgiram no decorrer da pesquisa como: falta de espaço adequado para a prática da dança (as aulas foram realizadas numa parte do pátio externo, onde paralelamente, havia outra turma com aula de Educação Física, portanto havia muito barulho); aparelho de som era de fraca potência e às vezes não funcionava ou não estava disponível para empréstimo no horário necessário e a falta de uma sala ou área coberta para a prática com assoalho adequado (de madeira), pois os meninos dançavam com tamanco e o piso de cimento não era o mais indicado. Todavia, apesar das dificuldades, foi possível ensinar algumas marcas que fazem parte do Fandango no Paraná e alcançar o objetivo proposto inicialmente: divulgar o Fandango na comunidade escolar. A presença da Família Pereira na escola foi de fundamental importância; com o contato direto com os praticantes do Fandango os(as) alunos(as) puderam conhecer muito dessa manifestação cultural e romper com preconceitos existentes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Fandango Paranaense por muito tempo foi considerado uma festa típica dos habitantes do litoral. Como visto na revisão de literatura, era comum entre os caboclos litorâneos a prática de mutirões, onde os vizinhos e parentes se reuniam para um trabalho comunitário, e, quando a noite começava, festejavam com o Fandango, na casa do dono da roça. Hoje, por diversos motivos já mencionados, isso praticamente não ocorre mais.

Para manter o Fandango vivo, outras maneiras foram encontradas por aqueles que têm nessa tradição parte de suas vidas. Surgiram, no litoral, grupos de Fandango - Mestre Romão, Mestre Eugênio e Família Pereira entre outros e a Casa do Fandango, cujo objetivo é a divulgação dessa manifestação cultural. Muitas das músicas que fazem parte do Fandango Paranaense, foram registradas por amantes da música de raiz; é o caso do grupo Viola Quebrada, que gravou um CD com a Família Pereira. Nos últimos anos, houve também a preocupação de se fazer registro escrito sobre o Fandango, uma vez que a bibliografia sobre o assunto é pequena. Enfim, embora sofra modificações, o que não se deseja, por parte de seus praticantes, é que o Fandango deixe de existir.

No trabalho desenvolvido na Escola Municipal Prof<sup>a</sup> Augusta G. Ribas e aqui relatado, buscou-se por meio da escola, contribuir para a divulgação do Fandango Paranaense. Por ser uma escola de Curitiba, optou-se por uma manifestação cultural presente no Paraná, num universo não tão estranho para os(as) alunos(as) envolvidos no estudo. Embora os(as) mesmos(as) tivessem pouco ou nenhum conhecimento sobre o Fandango, muitos conhecem o local onde ele existe, porque nas férias escolares viajam ao litoral para irem à praia; isso tornou seu estudo mais fácil e interessante.

No início, houve um certo preconceito por parte da maioria dos meninos em aprender as danças, nas quais, ao invés das mulheres, os homens usavam tamanco. Com o desenvolvimento das aulas práticas, o que era incômodo para eles se tornou atraente e no final, iniciavam o sapateio tão logo calçavam os tamancos. Além do jeito de dançar, os(as) alunos(as) também tiveram a oportunidade de conhecer a viola e a

rabeca, instrumentos que acompanham o Fandango e são confeccionados artesanalmente pelos fandangueiros que visitaram a escola.

A presença da Família Pereira na escola foi muito importante, porque atendeu às expectativas existentes: todos os(as) alunos(as) que estudavam no período da tarde (quinze turmas) tiveram a oportunidade de assistir a uma apresentação, cujos atores mantêm o Fandango autêntico, ou seja, da mesma forma que aprenderam com seus ancestrais. Através da apresentação foi possível perceber que os homens, da mesma maneira como aprenderam, exercem o papel principal chamando atenção para a dança através dos fortes palmeios e sapateios. Às mulheres por sua vez, cabe o papel secundário, o de cuidar para que a roda não se feche (com progressões simples, quase uma caminhada em círculo) e o de serem conduzidas pelos homens. Outro fato interessante é que o grupo, ao contrário dos outros existentes no litoral, não usa indumentárias especiais para dançar.

Além da apresentação, os(as) alunos(as) envolvidos(as) na pesquisa, puderam manusear os instrumentos musicais, conversar e entrevistar os fandangueiros, tirar fotografias com eles, observar os tamancos, enfim, ir muito além do que livros, textos e vídeos têm para ensinar e conhecer um pouco mais sobre o Fandango Paranaense. Observando o entusiasmo dos(as) alunos(as) nas apresentações tanto do grupo, quanto a que eles(as) fizeram aos pais e demais estudantes, bem como através dos depoimentos orais e escritos, foi possível constatar que a maioria gostou de estudar e conhecer aspectos do Fandango no Paraná. Nesse sentido, pode-se afirmar que o objetivo inicialmente proposto (divulgar o Fandango Paranaense na escola), foi alcançado.

Concluindo, acredita-se que iniciativas como essa atuam significativamente na valorização de manifestações que integram a cultura de um povo e a constituição de sua identidade. Divulgar as manifestações regionais às novas gerações, conhecer suas origens e significados é de suma importância para a história de uma sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia A. ; MARTINS, Maria Helena P. **Filosofando – introdução à filosofia**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

AZEVEDO, Fernando Corrêa. **Fandango do Paraná**. Rio de Janeiro: Funarte, Campanha de defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

BAZZO, Juliane. **Saudades do fandango**. Disponível em: <http://www.textovivo.com.br/narrativas/ago0201.htm>>. Acesso em: 07 de set. 2004.

BARBIER, René. **A Pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BRANDÃO, Théo. **Folguedos natalinos: FANDANGO**. Maceió: PRODASEC- SEC, 2 ed., 1982.

BRITO, Maria de L. da Silva. **Fandango de Mutirão**. Curitiba: Mileart, 2003.

BRITO, Maria de L. da Silva e RANDO, José Augusto Gemba. **Mutirão ou “Pexirão”: Relatos do Fandango Paranaense**. In: BRITO, Maria de L. da Silva. **Fandango de Mutirão**. Curitiba: Mileart, 2003. p.21-29.

CARICONE, Noemi. **Cultura Popular Regional – O Paraná Caiçara bate pé pelo Fandango**. Disponível em: [http://www.anovademocracia.com.br/03\\_32\\_07.htm](http://www.anovademocracia.com.br/03_32_07.htm)> Acesso em: 27 de mar. 2004.

CASCUDO, Luís Câmara. **Folclore do Brasil (Pesquisas e notas)**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, Edição Brasileira, 1967.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

Maxi, 2002. CORREIA, Marly Garcia. **O Fandango Que Acompanha o Barreado**. Paraná: Graf.

DE BONA, Laurice Salomão. **Fandango**. Disponível em: <http://www.morretes.com.br/cultura/fandango.htm> > Acesso em: 07 de nov. de 2004.

DEFREITAS, Roberval Ferreira. **Coisas do Meu Litoral**. Curitiba: indústria Gráfica Júlia, s.d.

**FANDANGO**. In: DICIONÁRIO Aurélio Básico Da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S/A. Obra em 19 fascículos semanais encartados na Folha de São Paulo, de out. de 1994 a Fev. de 1995. p.289.

**Fandango**. Caminhos e Parcerias – Raízes. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/caminhos/31caminhosatlanticos/raizes-fandango.htm>> Acesso em: 01 de maio de 2004.

GIFFONI, Maria Amélia Corrêa. **Danças Folclóricas Brasileiras e suas Aplicações Educativas**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2. ed. 1964.

\_\_\_\_\_. **Danças Miúdas do Folclore Paulista**. São Paulo: Nobel, 1972.

GRAMANI, José Eduardo. **Rabeca, o som inesperado**. Curitiba: Optagraf, 2002.

LAMOUR, Claudete M. H.; TOTSKI, Maria I. S. e BETTO, Maria V. **O Fandango Pedre Passagem: Resgatar Para Não Perder**. Projeto Fazendo Escola apresentado a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, 2003.

LAMOUR, Claudete M. H. e PIEKARSKI, Dulce R. **O Fandango na Escola: Valorizando a Cultura Paranaense**. Projeto Fazendo Escola apresentado a Secretaria Municipal de Curitiba, 2004.

MARCHI, Lia. **Nas mãos do fandango**. In: MARCHI, Lia; SAENGER, Juliana e CÔRREA, Roberto. **Tocadores: Homem, Terra, Música e Cordas**. Pallotti, 2002. p.45-47.

MARCHI, Lia; SAENGER, Juliana e CORRÊA, Roberto. **Tocadores: Homem, Terra, Música e Cordas**. Pallotti, 2002.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

NANNI, Dionísia. **Dança-Educação: Pré-escola à universidade**. Rio de Janeiro: SPRINT, 1995

PCNs. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. Ed. Brasília: A. Secretaria, 2001.

\_\_\_\_\_: Educação Física/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. Ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

\_\_\_\_\_: Pluralidade Cultural: Orientação Sexual/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

PINTO, Inami Custódio. **Fandango do Paraná**. Disponível em: <http://www.pr.gov.br/seec/folclore/fandango.html> > Acesso em: 31 de mar. de 2003.

\_\_\_\_\_: **O Fandango na Ilha de Valadares**. In: BRITO, Maria de Lourdes (org.). **Fandango de Mutirão**. Curitiba: Mileart, 2003. p. 53-61.

RANDO, José Augusto Gemba. **Fandango: Contextualização Histórica**. In: BRITO, Maria de Lourdes (org). **Fandango de Mutirão**. Curitiba: Mileart, 2003. p.11-13.

RODEJAN, Rosely Vellozo. **Folclore Brasileiro:Paraná**. Rio de Janeiro: MEC-SEC-FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1981.

SAENGER, Juliana. **Continuidade e descontinuidade**. In: MARCHI, Lia; SAENGER, Juliana e CÔRREA, Roberto. **Tocadores: Homem, Terra, Música e Cordas**. Pallotti, 2002. p.39-44.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2. ed., 1999.

Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. **Litoral ganha oficinas culturais da Sec**. Disponível em: <http://celepar6.pr.gov.br:2080/seec/noticias.nsf/0/5> > Acesso em: 14 de agos. de 2004.

SCHARNIK, Gilberto; SCHARNIK, Gilson; SILL, Mirian; SILL, Emersom; KÜIHN, Paulo e TOMOITA, Carlos. **Apostila: Seminário - Folclore em Questão**. Secretaria Municipal de Educação de Araucária/PR.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.

VERDERI, Érica Beatriz Lemes Pimentel. **Dança na Escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

#### DISCOGRAFIA:

**CD Viola Fandangueira - Viola Quebrada e Família Pereira**. Fabricado em Manaus por Sopress Rimo da Amazônia Indústria e Comércio Fonográfico LTDA.

**CD Fandango de Mutirão - Grupo de Mestre Romão e Grupo Família Pereira**. Produção Executiva: Maria de Lurdes Da Silva Brito e Direção Musical: Luiz Rogério Gulin.

**ANEXOS**

## LISTA DE ANEXOS

1. DEPOIMENTOS DOS(AS) ALUNOS(AS) SOBRE O FANDANGO.....	39
2. DEPOIMENTOS DOS(AS) ALUNOS(AS) SOBRE A PRESENÇA DA FAMÍLIA PEREIRA NA ESCOLA.....	40
3. LETRAS DAS MÚSICAS QUE FAZEM PARTE DO FANDANGO PARANAENSE APRESENTADAS PELA FAMÍLIA PEREIRA.....	41
4. LETRAS DAS MÚSICAS QUE FAZEM PARTE DO FANDANGO PARANAENSE APRESENTADAS PELOS(AS) ALUNOS(AS).....	47
5. FOTOS DA PESQUISA.....	52

## **ANEXO I – DEPOIMENTOS DOS(AS) ALUNOS(AS) SOBRE O FANDANGO**

“O Fandango é uma dança diferente e é assim: os homens sapateiam e as mulheres dançam e assim vai. Os homens sapateiam com tamancos de madeira para o sapateado sair mais bonito e a madeira é muito mais resistente que qualquer outro tipo de sapato”. Dama

“Foi legal aprender sobre o fandango. Eu gostei dos instrumentos e quando o grupo veio aqui na escola. Gostei das danças, dos ritmos e dos ensaios, a professora é legal. Eu adorei a apresentação dos alunos, foi muito bonita” Dimas

“O fandango me chamou atenção porque tem músicas legais como o Anu. A dança é fácil e muito legal e interessante. Tem também o barreado com carne, farinha de mandioca e arroz, é gostoso. Dançar é legal”. Adriann

“Eu gostei das danças, das músicas, da saia das meninas, do barreado, do som dos tamancos que os meninos usaram. Eu aprendi sobre o Fandango e os instrumentos”. Bibiane

“Foi importante aprender sobre o Fandango na escola, se não fosse a professora eu não teria conhecido a família Pereira. O que mais me chamou a atenção foi o barreado porque ele tem que ficar em média doze horas no fogão cozinhando. Gostei de aprender sobre a cultura do fandango”. Isabela

“A dança do Fandango foi muito legal, eu gostei dos tamancos, das roupas, dos lenços, eu gostei muito do fandango”. Jonas

“Dançar fandango foi muito legal. Eu gostei das danças e dos passos. Foi muito divertido dançar com meus colegas”. João Victor

“Eu gostei muito do fandango. Achei legal as danças e o barreado”. Willian

## **ANEXO II – DEPOIMENTOS SOBRE A PRESENÇA DA FAMÍLIA PEREIRA NA ESCOLA**

“Eu achei legal, principalmente aquele senhor (referindo-se a Leonildo Pereira) batendo bem forte. O que me chamou atenção foi a última dança” (Sinsará - dança que faz parte das marcas batidas). Bruno

“Eu gostei muito da presença da família Pereira na nossa escola. Gostei muito dos instrumentos do Fandango e das várias marcas. Gostei muito da primeira marca (Anu), gostei dos tamancos que eles usavam e dos tipos de sapateados”. Dimas

“É muito interessante o jeito que eles dançam. Gostei do jeito deles e do sapateado. Eles são muito legais”. Alessandra

“Eu gostei da dança e dos instrumentos. O fandango é muito legal e importante. Como será que eles fazem os instrumentos? O tamanco é muito legal e o jeito que eles batem o tamanco de madeira também é legal”. Karine

“Eu gostei de todo mundo, mas eu gostei mais do senhor (Leonildo Pereira) porque ele brinca com a gente. Gostei dos instrumentos e do sapateado. Todos foram legais e quero agradecer por tudo, muito obrigado” . Priscila

“Eu gostei quando eles estavam dançando e cantando, eles são muito legais”. Claudiney

“Eu gostei bastante do Fandango principalmente das danças e dos sapateados. Eu também gostei da apresentação deles na escola. Os instrumentos são um pouco diferentes. Pena que eles tiveram que ir embora cedo, mas eles tem outras coisas para fazer”. Bibiane

“Eu gostei muito da turma do fandango. Gostei da rabeça e do sapato de madeira. Eles dançaram muito bem. Agradeço o grupo de Fandango”. Thayná

### **ANEXO III – LETRAS DAS MÚSICAS QUE FAZEM PARTE DO FANDANGO PARANAENSE APRESENTADAS PELA FAMÍLIA PEREIRA<sup>11</sup>**

**ANU**

**Primeiro peço licença**

**Que assim foi o meu ensino**

**Primeiro peço licença**

**Que assim foi o meu ensino**

**Primeiro peço licença**

**Que assim foi o meu ensino**

**Depois da licença dada**

**Depois da licença dada**

**Eu mesmo me determino**

**Depois da licença dada**

**O anu é pássaro preto**

**Passarinho do verão**

**O anu é pássaro preto**

**Passarinho do verão**

**O anu é pássaro preto**

**Passarinho do verão, ai**

**Quanto canta à meia-noite**

**Quando canta à meia-noite**

**Faz chorar meu coração**

**Quanto canta à meia-noite**

---

<sup>11</sup> As letras foram tiradas do CD Viola Fandangueira, gravado pelo grupo Viola Quebrada e pela Família Pereira

Vamos dar a despedida  
Que o anu já vai embora  
Vamos dar a despedida  
Que o anu já vai embora  
Vamos dar a despedida

Que o anu já vai embora  
Não sei o que tem o anu, ai  
Não sei o que tem o anu, ai  
Que não dura meia hora  
Não sei o que tem o anu, ai

**QUEROMANA**

Hoje estou cantando aqui  
Amanhã já vou m'embora  
Hoje estou cantando aqui  
Amanhã já vou m'embora

Amanhã já vou m'embora  
Como não irei chorando  
Como não irei chorando  
Por este caminho afora

Queromana tudo bem  
Muito padece quem ama  
Muito padece quem ama  
Quem no mundo amores tem

Meus senhores com licença  
Despedida 'imo dar  
Meus senhores com licença  
Despedida 'imo dar

Despedida 'imo dar  
Nossa licença são poucas  
Nossa licença são poucas  
Nessa, sim, vai acabar

Queromana vou e volto  
Quero saber de quem amo  
Quero saber de quem amo  
Que dos outros não me importo

**SINSARÁ**

Viola falai comigo  
Que convosco falarei  
Que convosco falarei  
Encobrir as minhas faltas  
Que eu a vossa encobrirei  
Que eu a vossa encobrirei

Encontrei com o sinsará  
Na beira do mar chorando  
Por causa de uma conchinha  
Que a maré ia levando  
Sinsará ficou chorando

Agora quero cantar  
Que ainda hoje não cantei  
Que ainda hoje não cantei  
Quero ver se este meu peito  
Se ainda está como eu deixei  
Se ainda está como eu deixei

Encontrei com o sinsará ...

Vamos dar a despedida  
Pra fazer a moda curta  
Vamos dar a despedida  
Pra fazer a moda curta  
Quem faz a moda comprida  
Tá arriscado a pagar murta  
Tá arriscado a pagar murta

**DONDON (UMA NOITE AO LUAR)**

Fui no mar colher laranja  
Fruta que no mar não tem  
Vim de lá todo orvalhado  
Da onda que vai e vem

Eu estava conversando  
Lá no terreiro  
Numa noite de luar  
No mês de janeiro  
A respeito d'um fandanguinho  
Com o meu amor  
No baile que ela não vai  
Eu também não vou

Peguei a contar estrelas  
Só do norte não contei  
Ai, aquela mais bonitinha  
Só com meu bem acompanhei  
Eu estava conversando...

Ai, a viola é uma das coisas  
Que se deve querer bem  
A viola também dá  
Amores pra quem não tem  
Eu estava conversando...

Bananeira de dois cachos  
Não sei o qual cortar  
Vou cortar a verdolenga  
Pra logo amadurar  
Eu estava conversando...

Vamos dar a despedida

Despedida vamos dar

Vamos dar acabar esta moda

Pra n'outra continuar

Eu estava conversando...

**ANEXO IV - LETRAS DAS MÚSICAS QUE FAZEM PARTE DO  
FANDANGO PARANAENSE APRESENTADAS PELOS(AS)  
ALUNOS(AS)<sup>12</sup>**

**DONDON**

Uma luz não “alumia”,  
Moreninha, meu benzinho,  
“Vamo” “passeá”,  
Uma sala, uma varanda,  
Moreninha meu benzinho.  
“Vamo” “passeá”.

Na “capitá” de São Paulo,  
Pra nunca mais “vortá”.  
De lá eu mando lembrança, olarai,  
No dia que eu me “lembra”.

Minha viola de cedro,  
Moreninha, meu benzinho.  
“Vamo” “passeá”.  
Caravelha de canela,  
Moreninha, meu benzinho,  
“Vamo” “passeá”.

Na “capitá” de São Paulo...

Esta casa nunca vi,  
Ai, moreninha, meu benzinho,

---

<sup>12</sup> Letras extraídas do livro Fandango de Mutirão, no qual acompanha um CD gravado pelo Grupo Mestre Romão e pela Família Pereira.

“vamo” “passeá”.

Na porta nunca cheguei,

Moreninha, meu benzinho.

“Vamo” “passeá”.

a “capitá” de São Paulo,...

## CANA-VERDE

Eu vou me embora, vou me embora  
“Corrê” a costa do mar.

Eu vou me embora, vou me embora,  
“Corrê” a costa do mar.

Se eu “for” vivo eu “vortarei”,  
Se a morte não me “matá”.

Lari, larai,  
Quem escorrega também cai,  
Larai, meu bem,  
Quem escorrega cai também.  
Tudo isto acontece,  
No “amá” e “querê” bem.

Eu “prantei” a cana verde,  
Sete “parmo” de fundura.  
Eu “prantei” a cana verde,  
Sete “parmo” de fundura,  
Quando amanheceu o dia,  
Já tinha cana madura.

Lari, larai, ...

A moda da cana verde,  
Veio de Montevidéu.  
A moda da cana verde,  
Veio de Montevidéu,  
Quem não dança a cana verde,  
Morrendo não vai “pro” céu.

## VILÃO-DE-LENÇO

Vou me embora, vou me embora,  
 “Corrê” a costa do mar,  
 Sim, sim, meu amor, sim, sim.  
 Se eu “fô” vivo eu “vortarei”,  
 Se a morte não me “matá”,  
 Sim, sim, meu amor, sim, sim

Meu “amô” saiu da sala,  
 Com seu lenço de chitão,  
 Dançando, balanceando,  
 Arrastando os “pé” no chão.  
 “Ta” na hora de passá”,  
 Pra quem vai “dançá” o vilão,  
 Sim, sim, meu amor, sim, sim.

Você lá e eu de cá,  
 O mar passa pelo meio,  
 Sim, sim, meu amor, sim, sim.  
 Os de lá dão um suspiro,  
 Os de cá, um suspiro e meio,  
 Sim, sim, meu amor, sim, sim.

Meu “amô” saiu da sala...

“Vô” cantá” mais uma vez,  
 Que é de minha obrigação,  
 Sim, sim, meu amor, sim, sim.  
 Pra tudo tenho “corage”,  
 Só pra me “despedi”, não,  
 Sim, sim, meu amor, sim, sim.

Meu “amo” saiu da sala...

**MESTRE DOMINGUES**<sup>13</sup>

Mestre Domingues o que vem fazer aqui?

Mestre Domingues o que vem fazer aqui?

Não vim fazer barulho vim tomar um parati

Não vim fazer barulho vim tomar um parati.

Mestre Domingues o que é que você quer?

Mestre Domingues o que é que você quer?

Não vim fazer barulho vim buscar minha mulher

Não vim fazer barulho vim buscar minha mulher.

Mestre Domingues o que vem fazer aqui?

Mestre Domingues o que é que você quer?

Tomar um parati e buscar minha mulher

Tomar um parati e buscar minha mulher.

---

<sup>13</sup> Letra extraída da apostila: Seminário - Folclore em Questão – distribuída aos professores de Educação Física da Rede Municipal de Araucária em 2003, em curso de Aperfeiçoamento.

## ANEXO V – FOTOS DA PESQUISA

Tamancos confeccionados e usados pela Família Pereira para dançar Fandango.



Tocadores da Família: Heraldo (rabeça), Pedro e Nilo (viola) - no pátio da Escola.



Alunos(a) entrevistando Nilo Pereira



Família Pereira dançando



Alunos(as) na apresentação das danças:

Vilão-de-Lenço



Mestre Domingues



Cana-Verde



Dondon

